

CLARICE E O POTE DE MANTEIGA

Jocenilson Ribeiro dos Santos^[1]

Página Inicial

Agenda de Eventos

Especial - Acordo Ortográfico

Artigos e Ensaios

Artigos de IC

Blog

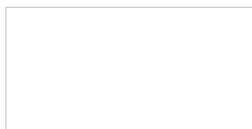
Resenhas

Textos Literários

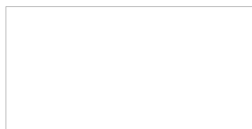
Edições Anteriores



Veja também



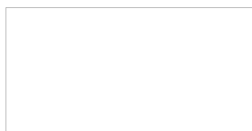
Biblioteca Digital Mundial



Blog do Co-editor Joel Sossai Coleti



Ceditec



Comunidade dos Países
de Língua Portuguesa



Dicionário de Termos Lingüísticos

Fazia tempo que não bebia leite. Foi até a cozinha, aqueceu meio bule num fogão à lenha. Dois olhos atentos: um às astúcias de Olímpio, o outro ao leite para não derramar. Despejou o líquido numa caneca de plástico e experimentou sem açúcar. Nem esperou esfriar. Quase pisa o cão magricelo que esperava uma rodela de biscoito cair de sua mão, por descuido.

Sentou-se debaixo do umbuzeiro fazendo uma cova na saia suja de terra. Pôs uns biscoitos entre as pernas, uma lata de manteiga a seu lado, no chão, e seguia com os olhos grudados no pequeno livro.

O sol cantava ardente por aquela região, há meses, e se fazia ouvir nos estalos do juazeiro. Ainda podia se ouvir a cantoria da cigarra por entre aqueles gravetos assimétricos. Bela música de fundo pra compor a cena literária.

A menina pouco se incomodava com aquele ritmo unísono de tão compenetrada. Ganhara o livro do pároco da comunidade.

“Pra que serve um livro, padre?”, arriscou uma pergunta nada fácil.

“Oh, minha garotinha, pra ler... trouxe pra você. Conheci a autora lá no Recife faz muito tempo. Você nem era nascida. Mas ela morreu, tinha o nome bonito igual ao teu.”

Esforçava-se para decifrar o sobrenome da autora, não tinha no dicionário.

Agora não, já sabe ler. Duas semanas agarrada ao livro. Estava quase no meio. Pouco importava o tempo. Degustava as palavras em meio ao biscoito lambuzado de manteiga e encharcado ao leite. Nem percebia o cachorro passar a língua volta e meia na tampa da lata.

Veza ou outra a expulsava de perto, e o animal magricelo ficava ali observando como quem quisesse saber o a garota via de tão importante naquelas páginas envelhecidas.

“Já voou...”

Melhor guardar, disse ela para a cachorra - o pai podia estar chegando. Nunca gostou de gente que lê muito. Pra ele, bastava assinar o nome. Menino que lê responde os mais velhos, dizia ele. Por isso não fazia questão de entender os sermões do padre.

“Custa ler esse troço quando a gente vortá, fia?”

“Já vou, mãe... já disse que tô ino.”

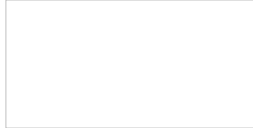
Levantou-se, ajeitou a saia, e seguiram com as latas na mão a esperar a água chegar.

Está na segunda série, mas lê melhor que os da quarta, confessou a professora, quando encontrou as duas naquele chão rachado que não tem mais fim.

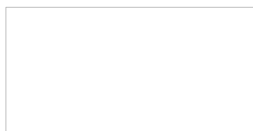
“Mãe, a senhora sabia que ela não sabe dividir 75 cruzeiro pra ela e pra merendeira? Foi perguntar o motorista do carro-pipa”, cochichou.

“E você sabe?”

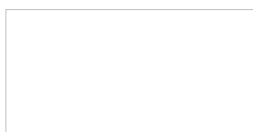
“Sei sim. 37 e 50. Mas ele deu 35 pra cada. Eu vi.”



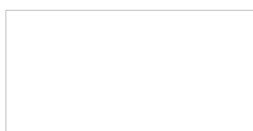
Domínio Público



GEScom



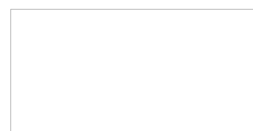
GETerm



iLteC



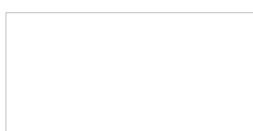
Institut Ferdinand de Saussure



Portal de Periódicos Capes



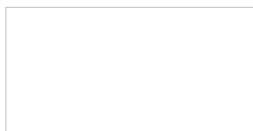
Portal de Revistas Científicas Persee



Revue Texto!



Texto livre



TRIANGLE



UEHPOSOL

“Você tá ficando muito da sabida, menina. E só tem onze ano.”

“Mãe, eu quero ir para o Rio de Janeiro como a moça do livro.”

“Nunca vou deixar você ir.”

“Por quê?”

“Porque não.”

À noite, quando chegou, pôs a lata de água em cima da mesa suja de farinha.

“Ajuda aqui, mãe!”

Nem descansou, acendeu um candeeiro. Afastou da beirada da cama pra não esfumaçar o lençol remendado, e pôs a percorrer as páginas.

“Por que esse cachorro tá lambuzado desse jeito?”, quis saber o pai preparando um cigarro de fumo com as unhas-carvão enquanto ouvia a *Voz do Brasil* no rádio-relógio.

A menina mal ouvia as reclamações do pai.

“Tu viu um pote de manteiga que deixei aqui em cima, menina?”

Silêncio na noite, e apenas o rádio anuncia: *o presidente José Sarney tenta conter a crise provocada pela alta inflação.*

“Mãe, o que é cartomante?”

“Sei lá, menina! Deve ser coisa de macumba.”

“E macumba é coisa boa ou ruim?”

A mãe se calava num universo de dúvidas e medo das palavras. Essa menina tá ficando muito esperta, matutava sozinha.

“Tu viu um pote de manteiga aqui, muié?”

Nem esperou a resposta. Estava ali o cachorro arrastando a lata suja de cinza, como se quisesse denunciar a menina por não lhe ter dado uma rodela de biscoito.

Constatando o evidente dissabor, abaixou-se quase entrevado, tomou a latinha da boca do cão e foi até o quarto.

“Foi você que pegou essa manteiga, Clarice? Foi você que pegou essa manteiga, Clarice?”, repetiu tomando o livro num solavanco.

Nem deu tempo pra responder. A menina agora estava surda de vez após sentir a explosão de um soco no meio do ouvido. Ainda respirou um cheiro de querosene espalhado no quarto em meio ao breu, mas logo a lareira ressurgia incontornável tomando a cobertura de palha.

Mais tarde, nos braços da mãe - que chorava naquela hora de estrelas - deu por falta do livro.

“Nem deu tempo de pegar, filha...”

Debaixo do umbuzeiro acobertado pela lua, o pai resmunga: “Foi por causa do diabo desse livro que a gente não tem mais casa. Me diz, o que vai ser de nós, me diz, Clarice?”


“E eu nem vi o final da história, mãe. Faltava duas página pra terminar.”

^[1] Mestrando em Linguística pela PPGL-UFSCar. Licenciado em Letras pela UEFS-BA. jonuefs@gmail.com.



Todos os textos publicados podem ser livremente reproduzidos, desde que sem fins lucrativos, em sua versão integral e com a correta menção ao nome do autor e ao endereço deste site.



 [Siga a @linguasagem no Twitter](#)

[o que é isso?](#)

